

PRN
AD 20 EST. 13/10/63
EST. 13/10/63

EUDES DE SOUZA LEÃO PINTO

**Considerações Agronômicas
Objetivando o Aproveitamento do
Potencial Econômico de Pernambuco**



1963

FOO
EIO
PIN

LICEN
MICROFILMADO

CONSIDERAÇÕES AGRONÔMICAS OBJETIVANDO O
APROVEITAMENTO DO POTENCIAL ECONÔMICO
DE PERNAMBUCO

BICEN
MICROFILMADO

Considerações Agronômicas Objetivando o Aproveitamento do Potencial Econômico de Pernambuco

EUDES DE SOUZA LEÃO PINTO

Engenheiro-agrônomo — Universidade Rural de Pernambuco



Estudos Brasileiros — N.º 20

BRASIL, RIO DE JANEIRO
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
SERVIÇO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA
1963

F00
E10

BR 7375467

SUMÁRIO

Litoral-Mata	7
Agreste	17
Sertão	26
Uso da terra — Trabalho rural	45
Recursos minerais	47
Conclusões	50

CONSIDERAÇÕES AGRONÔMICAS ACERCA DO APRO- VEITAMENTO DO POTENCIAL ECONÔMICO DE PERNAMBUCO

No equacionamento dos problemas agropecuários de Pernambuco, relacionados com o seu processo de evolução industrial, temos a considerar que, do ponto de vista fisiográfico, este Estado está dividido em regiões: do Litoral-Mata, Agreste e Sertão, ocupando respectivamente as áreas de 11.305, 18.380 e 68.394 km².

Litoral — Mata

2. A zona litorânea propicia atividades agrícolas de plena rentabilidade nos setores da horticultura e fruticultura. Uma vez que a cidade do Recife está geograficamente quase equidistante dos seus limites norte e sul e em posição costeira, constitui centro de consumo de primeira ordem para os produtos hortícolas e pomícolas, que poderão alcançá-la por rodovias de primeira classe, em tempo relativamente curto, sem risco de perecimento. Acresce a circunstância de que além das cidades enquadradas na zona litorânea de Pernambuco, há possibilidades de colocação dos produtos hortícolas e frutícolas nas capitais dos Estados vizinhos de Paraíba e Alagoas.

3. Desde que o frigorífico da Divisão de Caça e Pesca, do Ministério da Agricultura, armazene todo o pescado fresco, frigorificado, congelado ou em conserva, ora depositado no Frigorífico das Docas e no do Serviço de Intendência do Exército, tornar-se-á possível abrir espaço para o armazenamento de hortaliças e frutas, de molde a poder processar-se um abastecimento regular dêste maior centro consumidor do Nordeste.

A partir de junho de 1959, o frigorífico da COAP, cedido à S.A.I.C. também comportará apreciável volume de verduras e frutos frescos. A recuperação do Frigorífico da Prefeitura do Recife,

instalado no Matadouro de Peixinhos, concorrerá para aumentar a capacidade de armazenamento das mercadorias sujeitas à perecimento.

4. Em se organizando e estimulando a produção de hortaliças e frutos tropicais e subtropicais na zona litorânea, entre os quais convém destacar cenoura, rabanete, beterraba, palmito, pepino, couve-flór, cebolinha, pimentão, chuchu, quiabo, maxixe, melão, melancia, cará, inhame, batata doce, macacheira, mandioca, araruta, pimenta do reino, abacaxi, côco, caju, manga, mangaba e abacate, tornar-se-á possível a progressiva industrialização dos respectivos produtos, de maneira a prover o Estado de uma receita segura e independente das adversidades climáticas, visto que as precipitações pluviométricas nessa zona são suficientes para assegurar o desenvolvimento normal das plantas que os fornecem. Caso os plantios ocorram em épocas convenientes e sejam efetuadas as práticas racionais da agricultura, inclusive com o emprêgo da adubação, é de esperar-se resultados positivos nos empreendimentos agroindustriais que venham a ser implantados na região do litoral de Pernambuco.

5. No que se refere à produção animal, o incentivo à pesca de mar e à piscicultura, em viveiros, açudes e rios, deverá constituir objetivo primordial de qualquer governante preocupado em suprir a população pernambucana de proteína animal, indispensável à sua dieta alimentar. As facilidades decorrentes da instalação do frigorífico de pesca, em cais acostável de 10 metros de profundidade e próximo às estações rodo-ferroviárias do Recife e a comprovada existência de uma grande riqueza ictiológica nas costas do nordeste, concorrerão sempre para atrair emprêsas pesqueiras, capazes de oferecer o pescado a preços bem acessíveis à gente humilde do Recife e das cidades interioranas do Estado.

O que se impõe é a utilização de equipamentos rodo-ferroviários, tais como: "Traillers" e vagões frigoríficos, capazes de distribuir o produto da pesca em suas diversas formas de conservação pelas principais cidades pernambucanas e outras dos Estados vizinhos mais próximos.

6. Através dos processos modernos, de utilização de peixes e crustáceos em conservas, permitir-se-á a exportação para outras áreas consumidoras, inclusive estrangeiras. Há uma chance para Pernambuco diversificar as suas fontes de receita por meio da

industrialização daqueles produtos que tenham maior aceitação no mercado mundial.

7. Se bem que a fase de industrialização deva ser precedida de uma produção de matérias primas compatível com o limite mínimo da rentabilidade das fábricas, temos de convir que somente uma planificação, abrangendo o campo agro-industrial, servirá como base para a criação de novas condições de produtividade agrícola, com desdobramento fabril.

8. A avicultura e a cunicultura representam também riquezas em potencial da região do litoral, que precisam ser melhor aproveitadas em termos de racionalização, no que respeita à criação propriamente dita, manipulação de produtos, industrialização e organização dos serviços de distribuição e vendas. Embora o pernambucano não tenha hábito de comer carne de coelho, é inegável a superior qualidade desta, o que concorre para se contar com auspiciosas perspectivas em sua introdução na dieta alimentar de nossa gente.

9. A região da Mata representa uma das mais bem servidas em matéria de estradas, porisso que os meios de transporte concorrem para um maior estímulo de produção, que se não existe de modo satisfatório, deve-se apenas ao empirismo que ainda domina os nossos agricultores. Com precipitações médias de 1.735 mm, confere a Pernambuco a condição de Estado líder do nordeste, pois, dos seus solos, mesmo depauperados e erodidos, frui a messe concedida pela natureza.

Ocupada em sua maior extensão pela cultura canavieira, a região da Mata sofre as conseqüências da monocultura asfíxiante provocadora de desequilíbrio do sistema de provisão dos produtos agrícolas que alimentam os homens e as máquinas. Daí porque a voragem destas seduz os capitães da indústria, atraindo a sua atenção e os seus recursos, deixando em segundo plano os cuidados que deveriam ser dispensados aos primeiros que as acionam ou preparam as matérias primas para a manutenção do ritmo constante das engrenagens devoradoras de canas.

10. Em todos os países do mundo bem orientados no sentido do desenvolvimento econômico, as zonas melhor servidas pelas constantes climáticas e rede de estradas, constituem os centros de produção por excelência dos alimentos essenciais à manutenção da espécie humana, bem como das matérias primas que oferecem

maior lucratividade. Isto também se aplica aos Estados que, como Pernambuco, formam unidades independentes da federação brasileira. Não se pode compreender que a ampla zona Litoral-Mata, cuja área total é de 1.130.500 ha., produzindo cêrca de 6.000.000 tons. de cana em 165.000 ha. com rendimento agrícola de 37 tons. de cana por hectare, não seja também provedora dos alimentos de que carece a sua população, ficando sujeita ao abastecimento com gêneros alimentícios provenientes de zonas sêcas, de agricultura incerta, ou de outros Estados colocados à distâncias que são vencidas a custa de elevados fretes. Principalmente quando se sabe que Pernambuco com os seus 35,9% de terras incultas ocupa o primeiro lugar no Brasil em desperdício de área agriculturável, possuindo tão-sòmente 2,7% de sua área total em lavoura permanente, 16,7% em lavouras temporárias, 21,9% em pastagens e 21,3% em matas.

Manda a boa lógica que se considere como imperiosa a necessidade de um planejamento para a zona da Mata pernambucana, visando associar a produção de cereais e leguminosas alimentícias, túberas, tubérculos e frutos, à cultura canavieira, de molde a resultar um maior equilíbrio socio-econômico, o que implica em dizer, uma maior satisfação nas atividades agro-industriais por parte das diferentes camadas sociais que formam a estrutura da qual dependem o progresso e a prosperidade regional.

A tese cediça e superada que invoca a cultura canavieira como bastante absorvente e de suma importância para poder associar-se ou permitir a associação das culturas acima mencionadas, nunca poderia prevalecer para aquêles que formaram a sua mentalidade em estudos e observações objetivos e que alargaram a sua visão através a contemplação de outros centros agrícolas mundiais, mantendo intercâmbio com povos de culturas agrícolas sedentadas ou em evolução, sempre perfeitamente orientados para adotar as práticas ensinadas pela ciência e pela técnica e aprendidas mediante as pesquisas e experimentações bem conduzidas.

Em um regime democrático, no qual se busca sanar os males das desigualdades sociais e fornecer alimentação adequada à espécie humana, nenhuma cultura pode possuir a fôrça dominadora do exclusivismo, para implantar nas maiores áreas, em detrimento do suprimento alimentar que deve ser fornecido pela terra dentro da conceituação do humanismo contemporâneo, em que se recomenda a auto-suficiência das comunidades em alimentos básicos, a sua

interligação com os grandes centros populacionais, a segurança do uso da terra para fins de uma produção agrícola que assegure êsse suprimento em termos de um intercâmbio com outras comunidades, zonas ou regiões, sob um regime de equânime distribuição de lucros e vantagens.

Sem prejuízo do programa açucareiro, admitindo-se mesmo a expansão da respectiva agro-indústria que representa o alicerce econômico do Estado, faz-se mister a diversificação da produção agrícola na zona da Mata pernambucana como um meio de fortalecer a economia regional e implicitamente estadual, estabelecendo-se condições mais favoráveis para aumento de rendimento em cana de açúcar por unidade de superfície, em virtude dos benefícios proporcionados pela rotação de cultura e práticas correlatas. Mesmo sob o aspecto fitossanitário, convém a rotatividade agrícola como um meio de se promover a interrupção dos ciclos biológicos das pragas e agentes criptogâmicos, conferindo-se às plantas recursos naturais para opor maior resistência aos fatores que acarretam degenerescências.

11. Como culturas indicadas para a região da Mata pernambucana, figuram as hortícolas e frutícolas por razões semelhantes às invocadas nos itens 2, 3 e 4: as de gramíneas e leguminosas alimentícias pelo que se contém nos itens 9 e 10; a da mandioca, do gergelim e a arrozeira. Isto porque os vales úmidos oferecem condições ecológicas mais propícias ao perfeito desenvolvimento das plantações com uma rentabilidade garantida. Sendo o arroz um produto alimentar de importância acentuada para melhorar a dieta dos trabalhadores e das classes médias Nordesteiras, não há porque se desprezar a viabilidade de sua utilização como fonte de receita das empresas agrícolas. Mesmo porque, num programa de recuperação e utilização de áreas inundáveis pelas marés, que já se iniciou na zona das Usinas Sto. Inácio e Salgado, por iniciativa da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio e no Departamento Nacional de Saneamento, em 1954, essa cultura tem, necessariamente, de ser praticada com preferência, visto medrar bem, até em solos alcalinos.

12. Vale notar que a cultura do abacaxi possui um valor extraordinário em outros centros produtores dotados de condições mesológicas favoráveis, servindo de melhor exemplo o Hawaii, pois, além do fruto saborosíssimo para consumo "in natura", pres-

ta-se à preparação de conservas e doces cristalizados. Em nosso Estado existe além da variedade "Pico de Rosa", a chamada "Per-nambuco" que superam em qualidade tôdas as empregadas alhures para fins agro-industriais. Cabe-nos ainda promover a utilização das fibras extraídas das suas fôlhas, hoje totalmente perdidas, com o propósito de suprir as indústrias texteis de uma matéria prima excelente para a confecção de tecidos próprios às regiões tropicais e subtropicais.

13. Com relação às atividades criatórias, impõe-se o estímulo à avicultura, cunicultura, ovinocultura, equinocultura e bovinocultura. Na época presente, todos os esforços e recursos dos agrônomos devem convergir para a meta final de suas preocupações profissionais: "Obter a carga máxima de pêso vivo por unidade de superfície". Conseqüentemente, tudo o que se fizer no sentido do aproveitamento das plantas ou resíduos vegetais para a alimentação animal que possa representar uma transformação de produtos vegetais secundários em produtos animais de compensadora expressão econômica, traduzirá acêrto e descrtínio nos planejamentos gerais das atividades agro-pecuárias.

Embora reconheçamos a utilidade e mesmo a necessidade da mecanização como processo avançado para a racionalização da agricultura, somos levados a pugnar pela moderação no uso das máquinas destinadas ao preparo dos solos, tendo em vista antes preservá-los de desgaste intenso a que se expõem quando trabalhados por operadores desprovidos dos conhecimentos técnicos e com a sensibilidade para as práticas conservacionistas.

Em uma agricultura ainda incipiente no que respeita aos proventos financeiros, exercida em uma região tropical, na qual se processa a combustão da matéria orgânica com acentuada intensidade, apoiada em solos de reduzida profundidade e já erodidos, com textura e estrutura que reclamam a melhoria de seu complexo húmico, é um imperativo a mobilização de grandes massas de matéria orgânica para nêles serem incorporadas como condicionadores de boas propriedades físico-químicas, agindo como lastro humificante e fertilizante.

Desta adubação orgânica é que se esperam êxitos seguros nas adubações minerais, pois, aumentando o poder tampão dos solos, torna-os aptos a fixar os elementos inorgânicos solúveis, postos à disposição das plantas pela ação dos agentes do intemperismo;

ou através dos processos de incorporação artificial. Daí porque o uso de tração animal, além de baratear as operações agrícolas, proporciona o recurso para a elevação de seus níveis de fertilidade, expresso em estrume ou composto.

É de notar que, enquanto as máquinas de tração sofrem uma desvalorização progressiva por ano, que, as mais das vezes, culmina com a perda total, os animais que as substituem nas fainas rurais, possuem ainda algum valor na fase final de sua utilização, quando se encaminham para os matadouros.

14. Concomitantemente, torna-se imprescindível o emprêgo do cultivador nas áreas cultivadas, com um instrumento de preservação da água no solo, através da escarificação, ou seja, a mobilização de sua camada superficial, concorrendo poderosamente para reter as precipitações pluviométricas, pela diminuição dos índices de "run off".

No conceito moderno, o solo vale mais pelas suas propriedades físicas do que pelas químicas e quando se pensa em mantê-lo, recuperá-lo ou construí-lo, na verdadeira acepção de sua capacidade produtiva, nunca se olvidam as práticas da rotação da cultura, da adubação com lastro de matéria orgânica e do cultivo intensivo, pela sua escarificação.

Sem querer aduzir uma série de fatos ou testemunhos comprobatórios dessa asserção, basta-nos citar o emprêgo permanente do cultivador nos desertos da África do Norte, onde há extensas culturas de oliveiras e cujas características de solo não induzem o técnico alienígena a recomendar a prática do cultivo intensivo, por ser aparentemente inócua. Entretanto, Marroquinos, Argelinos e Tunisianos, onde quer que haja uma assistência agrônômica, mantêm-se presos às rabiças dos cultivadores, fazendo dessas simples, porém, eficientes máquinas, os instrumentos promotores da riqueza que brota das terras escaldantes do deserto.

15. A par das considerações acima expostas, somos levados a comentar 2 aspectos dos mais sérios na exploração canavieira para fins de industrialização:

a) *Corte de cana imatura* — É de pasmar que ainda em nossos dias, quando o Brasil já mantém franco intercâmbio cultural e social com os maiores centros canavieiros do mundo, quando revistas, boletins, jornais e publicações oficiais chegam não só até os órgãos governamentais, mas aos de classe e às próprias emprê-

sas açucareiras, que ainda o corte de cana seja processado em Pernambuco, em função dos interesses puramente administrativos, pertinentes às facilidades do transporte ou às conveniências de outras ordens, sob a orientação de pessoas leigas em assuntos agrônômicos, ou pseudo-conhecedoras das normas técnicas do trabalho agro-industrial, quando deveria estar sujeita única e exclusivamente ao teor em sacarose que traduz riqueza em açúcar.

Desde que o açúcar é feito no campo, nada adianta possuir o Estado um magnífico parque industrial, se as canas para êle encaminhadas são pobres em sacarose. Essa pobreza pode decorrer de uma série de fatores; entretanto, é inacreditável que o mais descuidado dêles ocorra ser justamente o de falta de maturação das plantas. Haja visto o caso de uma usina de Alagoas, cujo rendimento inicial na moagem em curso era de 75 kg de açúcar por ton. de cana e que passou a 95 kg tão logo modificou o seu sistema de corte, moendo apenas canas maduras, com rigoroso controle do teor em sacarose. Essa usina ainda ofereceu uma bonificação sobre o preço fixado pelo I.A.A. que alcançou até Cr\$ 60,00 p/ton de cana aos fornecedores dispostos a adotar as suas recomendações, conseguindo, assim, auferir uma apreciável vantagem de ordem técnico-financeira.

A fim de baratear o custo da operação de corte e transporte de cana, convém eliminar-se o sistema de feixes, operando-se com canas soltas, o que implica em uma redução ponderável de Cr\$ 85,00 a Cr\$ 95,00 para Cr\$ 45,00 a Cr\$ 50,00 por tonelada de cana, posta vagão da usina.

Este é um demonstrativo tão altissonante para os industriais de açúcar em Pernambuco, que dispensa comentários. Em uma safra média de 6.000.000 de ton de cana, se fôsem seguidas as normas de trabalho acima apontadas, mais de um bilhão de cruzeiros poderiam ser economizados e mobilizados em favor do fortalecimento da nossa agro-indústria açucareira. Não há a negar que com tal margem de lucros, capacitar-se-ia a concorrer com os centros sulinos que, se possuem vantagens do mercado consumidor à porta e topografia favorável, arcam também, em contrapartida, com o ônus de maior dispêndio nas sementes-estacas empregadas no plantio, mão de obra operária e especializada, além de um rendimento em sacarose inferior ao registrado nas canas maduras colhidas no Nordeste.

16. b) *Corte de cana imperfeito e falta de encaminhamento da palha*: Para quem está identificado com os progressos da agricultura canavieira realizados em outros centros produtores do mundo, avuita como sèriamente prejudicial o sistema do corte imperfeito das canas, do qual restam os tocos altos que, cobertos pelos palhiços, propiciam o desenvolvimento de processos fermentativos e abrem portas de entradas para fungos, bactérias e vírus, debilitando os rizomas dos quais se esperam as produções subseqüentes da cana, soca e ressoça.

A "Circular Blade" dos americanos e inglêses, traduzida por "Navalha Circular" em nosso idioma, representa uma máquina essencial para efetuar os cortes perfeitos das canas, a fim de assegurar uma brotação do rizoma capaz de produzir canas sadias, vigorosas e ricas em caldo e sacarose, ao contrário dos pampos que surgem dos tocos, iludindo os agricultores pela sua robustez, na qual se esconde a pobreza de açúcar. Entre nós ela ainda não encontrou quem a quisesse aplicar e, embora haja a estroenga como instrumento agrícola que a substitui, pouccs, ou mesmo pouquíssimos, são os agricultores que utilizam o mencionado instrumento manual com a finalidade acima exposta.

Por outro lado, o encaminhamento da palha, procedido alternadamente entre as fileiras plantadas com rebolos corridos, cujo espaçamento não deve ser inferior a 1,10 m, reduz o custo de limpa das áreas de canas, socas e ressoças à metade, além de criar condições muito mais favcráveis ao desenvolvimento da microflora e micro-fauna, úteis à formação dos solos e liberação dos elementos nutrientes de que se valem as plantas para exercer a sua função produtiva. Cumpre salientar que ainda com o encaminhamento da palha aumenta-se a reserva da água no solo, pela melhor capacidade de absorção verificada e pela eliminação, cu mesmo redução, das perdas hídricas por evaporação nas faixas beneficiadas com essa cobertura.

Numa área de 99.000 ha de canas, socas e ressoças existentes no Estado, cujo custo de limpas é estimado, presentemente, em cêrca de Cr\$ 2.140,00 p/ha/ano, poder-se-ia economizar Cr\$ 96.300.000,00 pela adoção dessa prática simples e altamente proveitosa, capaz de proporcionar substanciais aumentos de rendimento agrícola.

17. Embora a região da Mata pernambucana seja provida de boa pluviosidade, correspondente a uma média de 1.735 mm

por ano, cumpre às autoridades governamentais e privadas empenharem-se em favor do aproveitamento dos cursos d'água, com a finalidade de utilização de seu potencial hidrelétrico, aplicando a reserva líquida nos campos passíveis de irrigação, a fim de intensificar a produção de plantas sacarinas, ou alimentares em geral, por unidade de superfície, com uma máxima redução de seus custos.

Em se fazendo qualquer trabalho de aproveitamento dos rios e riachos, impõe-se, como medida de primeira ordem, a suspensão imediata do derrame das caldas, de maneira que êles possam readquirir as características econômicas que antes tiveram, de provedores de peixes e crustáceos para as populações ribeirinhas, livrando-as ainda do extremo desconforto e insalubridade causados pelos maus odores e poluição das águas contendo resíduos das destilarias.

Essa solução para um problema tão grave sob os pontos de vista social e econômico, convém aos interesses de agricultores, industriais e governos, porque, afortunadamente, o aproveitamento das caldas para fins de irrigação e adubação já é uma questão pacífica, resultando altamente vantajosa pelo acréscimo de rendimento agrícola que proporciona às áreas tratadas.

18. Desde que a agro-indústria açucareira representa a viga mestra da economia da região da Mata, faz-se mister que se aumente as suas fontes de receita através do emprego do bagaço da cana como matéria prima para a indústria de papel, sem prejuízo da utilização que se dá a uma parte da mesma como fonte de calorías. Convém que o planejamento para a industrialização do bagaço seja orientado conforme o previsto pela Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Instituto do Açúcar e do Alcool e Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, no ano de 1953, segundo o qual a fábrica de papel deveria ser localizada no município do Cabo, dentro do triângulo em cujos vértices estão: a Destilaria Central Presidente Vargas, a Usina José Rufino e a Usina Santo Inácio, de maneira a moer exclusivamente para produção do caldo e bagaço, sendo o primeiro enviado diretamente à Destilaria em "pipe lines" para transformação em álcool e o segundo à fábrica de papel, em tapiz rolante. Essa modalidade de trabalho seria possível, em face da disposição demonstrada pelos proprietários da Usina José Rufino, em aceitar o rendimento industrial da mesma em termos de produção de açúcar, baseado na média de 10 anos, repartindo-se

o lucro oferecido pela indústria de papel com os seus acionistas, proporcionalmente aos valores de suas ações.

A citada localização foi o resultado de um estudo que comprovou ser justamente o ponto mais indicado do Estado, pela proximidade do Recife, disponibilidade de água de boa qualidade, em volume suficiente para as necessidades industriais e máxima facilidade para movimentação das matérias primas e produtos químicos, de sua origem ou ponto de recebimento, ao centro fabril papelero.

19. O bagacilho e o melaço servem como matérias primas para a produção de rações balanceadas de que carece a pecuária do campo, cabendo aos órgãos governamentais competentes promover o seu aproveitamento adequado, vinculando melhor os setores da produção vegetal e animal.

20. A utilização do álcool em indústrias derivadas, que fornece uma longa série de produtos modernos, muitos dos quais de promissor futuro, deve ser prevista num planejamento avançado, em consonância com os interesses gerais do País.

Agreste

21. Tanto fisiográfica, como socialmente falando, o Agreste pernambucano constitui uma das áreas que exige maior cuidado do Governo, no que respeita à planificação, visando estabilizar as suas populações e conferir-lhe capacidade aquisitiva suficiente para o atendimento das necessidades pertinentes a um padrão de vida modesto, porém condigno para a sua brava gente.

Limitada ao leste, em toda a largura do Estado, pela região da Mata e ao oeste pelo Sertão, o Agreste é bem o centro das decompressões e compressões resultantes dos movimentos migratórios, sofrendo, por conseguinte, a instabilidade do sistema econômico-social decorrente das flutuações populacionais e da produção agrícola. Com a densidade demográfica correspondente a aproximadamente 105 habitantes por km², cortada em todas as direções pelas estradas de rodagem, por onde trafegam os veículos promotores do deslocamento de bens de produção, de consumo, e do próprio elemento humano, sujeito a vil condição de mercadoria-mão de obra, a região do Agreste possui características que reclamam a urgente organização das comunidades, com o objetivo de

se fortalecer a sua infra-estrutura econômica, através o mais racional e proveitoso uso da terra, tendo-se como escôpo "obter a carga máxima de pêso vivo por unidade de superfície".

22. A organização das comunidades agrestinas haverá de facilitar o trabalho educativo e criar o espírito associativo entre os seus membros, de molde a assegurar a máxima e rendosa utilização dos recursos morais e materiais, em prol da mais proficiente e rápida dinamização das potencialidades do solo e subsolo. Mais do que no Litoral-Mata, faz-se mister a implantação de uma mentalidade de poupança nos habitantes da região agrestina que venha a capacitá-los a proverem-se das devidas reservas adquiridas e formadas nas épocas de bonança, a fim de enfrentarem as épocas da escassez.

Os minifúndios já predominam nessa região, tornando obrigatória a preparação dos campos agrícolas com tôda economia de máquinas e mão de obra, de modo a ocupar os membros aptos das famílias permanentemente nas fainas campestinas, com o objetivo de reduzir o custo da produção das utilidades que retiram da terra, sem baixar o seu nível da fertilidade, mas, ao contrário, elevando-o gradativamente.

23. Entre as práticas essenciais ao incremento da produção, devem figurar: a adubação com estrume de curral, composto e resíduos orgânicos de qualquer natureza, inclusive o lixo das cidades, vilas e povoados; a rotação das culturas e a escarificação constante dos solos com cultivadores tracionados por equinos, muares ou bovinos e o "Mulching" com o emprêgo de restos de culturas, vegetação espontânea, ceifada ou roçada, e outros resíduos de baixo custo, cujas aquisições não comprometam a rentabilidade do empreendimento agrícola.

24. As culturas recomendáveis para a região agrestina são: leguminosas alimentícias (feijões, favas, ervilhas e soja); cereais (milho, arroz e sôrgo, sendo que o arroz para as zonas de baixadas úmidas, mesmo com terrenos alcalinos); plantas de tubérculos e raízes tuberosas (batatinha, batata-doce, cará, inhame, mandioca, macaxeira e araruta); oleaginosas (algodão, mamona, amendoinha e gergelim); plantas hortícolas e frutícolas (tomateiro, chuchu, quiabeiro, jirimum, maxixe, cenoura, rabanete, couve, couve-flôr, beterraba, repôlho, alface, coentro, erva-dôce, espinafre, pepino, pimentão, pimenta, pimenta do reino, açafrão, maracujá, abacaxi,

melão, melancia, mamoeiro, bananeira, mangueira, abacateiro, coqueiro, abricoteiro, pinheira, sapatizeiro, gravioleira, abieiro, jambaieiro, caramboleira, ingazeira, tamarineira, oliveira, pitangueira, goiabeira, araçazeira, jaboticabeira, frutapãozeiro, jaqueira, laranja, limoeiro, limeira, grape-fruits, videira, tamareiras, cirigueleira, caquizeiro e romãzeira).

As plantas frutícolas devem ser disseminadas por toda a zona, como fonte de renda subsidiária das famílias locais, contribuindo poderosamente para a sua mais substanciosa e diversificada alimentação. Não se diga que há impossibilidade de cultivá-las, visto estar ao alcance de qualquer família do Agreste preparar algumas covas de dimensões convenientes, devidamente adubadas, para receber as mudas das fruteiras que, em seu primeiro período de vida, deverão receber irrigações constantes, ainda quando procedidas com o emprêgo do regador ou da lata d'água. O frutapãozeiro pelo seu vigor vegetativo, pela sua resistência às condições adversas do meio depois de bem desenvolver o seu sistema radicular pela alta produção de frutos passíveis dos mais variados emprêgos na culinária e na alimentação humana, é uma planta destinada a prover os agricultores pernambucanos de uma ampla margem de economia, podendo mesmo ser considerada como o melhor sucedâneo do pão, cuja compra diária representa um desfalque ponderável na reserva financeira familiar.

25. Ainda que sujeita à incerteza dos invernos e mal servida por cursos d'água que, em quase sua totalidade, secam no auge do verão, a região agrestina pode proporcionar meios de trabalho remunerador à sua população, desde que haja da parte do Governo e das instituições privadas uma preocupação de fidelidade aos princípios agrônômicos e às regras que disciplinam as implantações das indústrias rurais.

Vale como testemunho dessa asserção o exemplo dado pelas Indústrias Alimentícias Carlos de Brito S.A., em Pesqueira, fazendo com que de uma terra aparentemente sáfara e inadequada à cultura do tomateiro, brotem plantas sadias e produtivas, capazes de sustentar a alimentação da poderosa indústria de sucos, massas e extrato de tomate, com milhares e milhares de tons. da respectiva matéria prima.

Garanhuns, Bom Conselho, Pesqueira, Poção, Belo Jardim, São Bento do Una, Brejo da Madre de Deus, Taquaratinga do

Norte e Vertentes, com altitudes superiores a 600 m podem abastecer estabelecimentos fabrís, de matérias primas destinadas à preparação de conservas alimentares, uma vez que sejam as mesmas obtidas em função de um planejamento global, abrangendo os setores da agricultura e da indústria, providos da assistência agrônômica e financeira, estribada no estabelecimento de um preço mínimo compatível com as aspirações dos agricultores engajados na atividade em tela.

No que respeita às leguminosas alimentícias, também a região do Agreste comporta a instalação de uma bem organizada indústria de conserva, a exemplo do que se faz em tôdas as partes do mundo, cujas populações suprem-se com regularidade de produtos enlatados, ou envasados, em qualquer época do ano, a preços razoáveis e acessíveis a tôdas as classes sociais.

26. Com a agricultura do milho, efetuada em moldes racionais e em escalas progressivas, tornar-se-á também interessante o seu aproveitamento industrial para a fabricação dos vários produtos derivados, especialmente os obtidos do amido, amido-aleurona e do embrião, do qual se extrai óleo da mais alta qualidade, rico em vitaminas, com emprêgo em medicina, cujas aceitações nos mercados consumidores são as mais francas, a preços altamente compensadores.

27. Com a araruta, conseguir-se-á também executar um amplo programa de industrialização, lançando-se na praça do Recife e até de todo o país, farinha de primeira ordem para alimentação de crianças, doentes, pessoas de idade avançada e de uso para adultos em geral. Pela facilidade de cultura e pela simplicidade do processo industrial, a araruta é uma riqueza que ainda não foi devidamente prezada pelos nordestinos e principalmente pernambucanos, cabendo ao Govêrno promover os meios para o reconhecimento de sua utilidade.

28. Com respeito à cultura da mandioca, é dever indeclinável do Govêrno propiciar a maior assistência possível aos agricultores que dela cuidam, pois, ocupa o segundo lugar como fonte de receita agrícola para o Estado de Pernambuco e, entra obrigatoriamente na alimentação da gente pernambucana. Não somente os métodos de trabalho agrícola devem ser racionalizados em termos de conservação do solo, melhoramento genético, adubação, cultivo e colheita adequados, mas, também os processos de industrialização

devem ser aprimorados, conferindo o máximo de rendimento em farinha para consumo no país como alimento e no estrangeiro, como matéria prima das rações balanceadas, com possibilidade de extração econômica do amido, cuja aplicação nas fábricas de tecidos e correlatas tem avultado em todo o mundo.

29. Com relação às oleaginosas, é evidente a importância que se necessita emprestar à região do Agreste, pois, a sua produção em algodão herbáceo, mamona, amendoim e gergelim, como decorrência de condições ecológicas favoráveis, já reclama dos governantes esclarecidos a mobilização de todos os meios capazes de dinamizar essa riqueza, articulando agricultores e industriais dentro do melhor e mais racional esquema de trabalho, para atingir o fim colimado expresso em bem-estar econômico-social para os rurícolas. Além dos preciosos óleos que fornecem, essas oleaginosas são provedoras do alimento protéico essencial à manutenção da pecuária, especialmente leiteira. Mesmo a mamoneira já pode ser considerada, presentemente, como enquadrada nesse rol, visto que o processo de desintoxicação empregado de acordo com uma patente belga, assegura a desintoxicação do farelo resultante do esmagamento de suas bagas, para a extração do magnífico óleo de mamona da mais variada aplicação industrial no mundo.

Já se disse que a região nordestina possui uma nítida vocação para as oleaginosas e é indubitável que o Agreste pernambucano oferece marcante vantagem para o desenvolvimento dessas culturas. Afortunadamente, o parque industrial de óleos vegetais e derivados existente em Pernambuco possui uma capacidade três vezes superior ao volume de matéria prima recebida, pelo que há uma ampla margem de incremento à respectiva produção agrícola, sem os riscos da superabundância ou do aviltamento de seus preços.

30. Entre outras culturas passíveis de industrialização, alinham-se: o açafraão para produção do colorau, ou de condimentos altamente reputados nos mercados internacionais, e o agave como planta fornecedora de uma fibra com franca aceitação nos Estados Unidos da América do Norte e na Europa, podendo ainda servir como matéria prima para indústrias locais que se venham a instalar, especializadas em fabricação de cordas, cordéis, barbantes, passadeiras, capachos, cortinas, material de revestimento e adôrnos, além de constituir fonte de suprimento de primeira ordem para a fabricação de papel *craft* e outros tipos.

31. O aveloz, como planta espontânea do Agreste, cujas características de resistência às condições adversas do meio são decantadas por todos como inexcedíveis, forma na linha de recursos naturais concernentes à região agrestina.

Os estudos procedidos no Brasil e em França, por iniciativa do signatário dêste, com a valiosíssima colaboração do competente agrônomo Carlos Barbosa, revelaram o aveloz como promissora matéria prima para fabricação de celulose e, por conseguinte, de papel, principalmente quando em mistura com fibras longas. Ao seu latex começa-se a dar atenção especial, visando-se o seu emprego na fabricação de cautérios. Sua lenha serve para alimentar os fornos e as caldeiras, com o poder calorífico equivalente ao da madeira comum existente na região em foco. Serve ainda para formar cêrcas impenetráveis, cujo custo é reduzido ao mínimo. A formação de maciços de aveloz, ou o plantio em linhas múltiplas para cêrcas, permitindo conseqüentemente o corte anual com finalidades industriais, servindo de matéria prima ou combustível, significa uma renda subsidiária passível de ser incorporada à receita das propriedades agrícolas.

32. Em nenhuma região as práticas da conservação dos solos são mais necessárias do que na do Agreste, pois, possuindo-os francos ou friáveis, sujeitos a uma mobilização intensiva e constante, expõe-se a ação prejudicial dos agentes naturais que fazem a erosão. Por isto que, a par da construção de terraços ou de faixas de contorno, com o plantio em curva de nível, deve-se abolir o uso do arado em virtude de sua ação desagregadora e pela vulnerabilidade em que coloca os solos diante das forças determinantes da erosão, limitando-se ao mínimo o uso das máquinas agrícolas que os mobilizam, agindo-se com a parcimônia recomendada pelas experimentações já realizadas nos campos da Fábrica Peixe, em conformidade com o preceituado no plano de funcionamento da Diretoria de Defesa de Solos, criada em 1953.

33. Também mais do que as outras regiões, a do Agreste pernambucano carece de silos para armazenamento de cereais e leguminosas alimentícias, bem como forragens. Para os primeiros produtos já a CAGEP, como Sociedade de Economia Mista organizada em 1954, proporcionará garantia de colocação e preservação, em seus 11 centros do interior e no portuário do Recife, sem que, porém, possam ser dispensados os silos metálicos de fazendas, nos

quais deverão ser acumulados os produtos agrícolas logo após a colheita, até atingir o volume compatível com as conveniências do transporte para os centros de armazenamento e ensilagem da aludida Companhia.

Entretanto, com relação às forragens, os silos de encosta e de trincheiras são indispensáveis para proverem os agricultores do alimento precioso que é a ensilagem, àvidamente procurada pelos seus animais e capaz de mantê-los em regime de engorda e até de lactação, desde que fornecido em quantidade adequada, dentro das normas técnicas do preparo das rações a serem balanceadas pelos próprios agricultores, segundo a devida orientação agrônômica.

Também a fenação deverá incluir-se entre as práticas imperiosas do meio rural, contanto que não se perca nenhuma forrageira ou restos de culturas capazes de constituir rações para os animais mantidos em regime de criação intensiva ou semi-intensiva. Nos silos, como nas medas, podem entrar mesmo plantas que em estado de verde são rejeitadas pelos animais por não os apetercerem, como no caso do marmeleiro e folhagens ou ramagens de plantas arbustivas e arbóreas existentes nas caatingas, as quais após o transcorrer do processo fermentativo são degustadas por qualquer animal.

Em 1953/1954 a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio instituiu o sistema mais avançado do Brasil, de financiamento para a construção de silos, segundo o qual os criadores gozam da assistência técnica prestada pela Diretoria da Produção Animal para estudos, projetos e fiscalização da obra e recebem como empréstimo, toda a importância correspondente ao seu custo, com pagamento sem juros, em 10 anos, de apenas 75% do seu real valor, outorgando à S.A.I.C. o direito de levantar os 25% restantes no Ministério da Agricultura, a título de prêmio concedido pelo Governo da República aos promotores desse melhoramento nas instalações de suas fazendas. Há, portanto, uma diretriz traçada e recursos à mão do Governo, capazes de suprir paulatinamente a extrema deficiência de reserva alimentar com que se defrontam os agricultores-criadores do Agreste.

34. No equacionamento dos problemas relacionados com as atividades criatórias do Agreste e do Sertão, inclui-se indubitavelmente a palma como a melhor solução para atender as necessi-

dades de suprimento de alimentos altamente vitaminados e nutritivos, veiculados pela preciosa cactácea que se caracteriza como planta eminentemente xerófila e provedora de água aos animais, pelo seu alto teor correspondente a 80% a 90% de seu peso.

É inadiável a realização de um grande trabalho de propagação dessa cultura, principalmente da variedade "redonda" que possui maior riqueza em elementos nutritivos do que a variedade "gigante" e proporciona rendimento agrícola mais elevado do que a "miúda" ou "doce".

35. Com base no plantio da palma e de forrageiras selecionadas de acordo com as normas agrônômicas mais modernas, ter-se-ão elementos para assegurar o máximo desenvolvimento da pecuária leiteira nas zonas mais apropriadas, entre as quais figura a centralizada pelo município de São Bento do Una, como a mais propícia, em decorrência das características dos seus solos e do seu clima.

Mediante a organização da pecuária leiteira estadual, auferir-se-á apreciáveis vantagens industriais, pois, as empresas de laticínios que já se vêm expandindo lentamente encontrarão motivos sobejos para desdobrar-se em volume de produção e em produtos capazes de suprir as deficiências que acarretam a elevação dos preços nos mercados consumidores, servindo ainda para aumentar a receita estadual pela venda de manteiga e queijo a outros Estados nordestinos. Urge efetivar-se a montagem da fábrica de leite em pó em Belo Jardim, conforme plano da S. A. I. C., de 1954.

36. A açudagem foi concebida como obra redentora do nordeste, visando-se o acúmulo da água e subsequente uso para fins domésticos e agrícolas. Lamentavelmente, prevaleceram as razões de ordem puramente hidráulica nos planejamentos elaborados para essa discutida região brasileira. Os engenheiros civis dirigentes dos órgãos públicos incumbidos de executá-la, enveredaram sempre pelo caminho que conduz a construção dos grandes reservatórios d'água, desprezando as bacias de irrigação que deveriam conferir um sentido econômico aos empreendimentos. Por isso, a maioria dos açudes existentes não cumpriu a sua finalidade precípua, de pôr à mostra a riqueza dos solos, através a realização de trabalhos agrícolas ou agro-pastoris, cuja rentabilidade pagasse o capital e os respectivos juros empatados na construção das barragens, canais de irrigação e obras complementares. Nem mesmo a piscicultura

valeu como um meio de auto-abastecimento, ou suprimento financeiro aos seus proprietários, ou às comunidades por êles servidas, pois, mui raros são os açudes que se tornaram piscosos, graças à boa orientação de quem os construiu ou os possui. Fazem exceção os grandes açudes do D. N. O. C. S. e alguns construídos pelo Governo Estadual.

A açudagem também não correspondeu à idéia de que poderia servir como base à preparação dos rurícolas, no sentido de seu aperfeiçoamento, para execução de trabalhos racionalmente conduzidos. A idéia do inolvidável agrônomo José Augusto Trindade, quem primeiro dirigiu os serviços agrônômicos da antiga Inspeção de Obras Contra as Sêcas, de que os açudes poderiam transformar-se em centros de irradiação do progresso e de renovação de mentalidade dos agricultores nordestinos não frutificou.

Mesmo as obras mais importantes do DNOCS não atingiram êsse objetivo, ficando as bacias de irrigações dos maiores açudes, ainda com áreas muito limitadas de aproveitamento, em relação às suas capacidades totais, ocupadas por um reduzido número de lavradores que tiram proveito das facilidades e dos favores concedidos pelo Governo, sem estendê-los aos necessitados flagelados nordestinos.

Como obra de iniciativa e competência do Estado, a açudagem perdeu em Pernambuco o conceito e o destaque que se lhe emprestava há anos passados, quando ainda prometia resultados alvissareiros e se desconheciam outras soluções compatíveis com as características orográficas e potomográficas da região sêca pernambucana, capazes de oferecerem os mais eficientes e saltares proveitos à coletividade. Entretanto, impõe-se a ação governamental, cada vez mais intensa, no sentido de oferecer aos agricultores assistência técnica e recursos financeiros que os habilitem a construir por sua conta, em todos os locais adequados de suas propriedades, açudes pequenos e médios, capazes de aumentar a reserva hídrica do Estado, as áreas passíveis de irrigação e o seu potencial hidrelétrico.

A região do Agreste, por ser justamente a mais densamente povoada e pobre, exige uma atenção especial para o empreendimento em tela, objetivando-se incrementar a iniciativa particular, transformando-se a feição paisagística das glebas agrestinas, pela introdução dos marcos da previdência, cu motivos de atração e

deleite para os rurícolas que sofrem a perseguição do fantasma das sêcas.

Urge, porém, que a essas realizações seja dado um caráter eminentemente reprodutivo. Vale lembrar que nos EE. UU. os açudes pequenos e médios das fazendas, e até mesmo os grandes, são chamados de "fish-pounds", ou sejam, "viveiros de peixes". Em vista de produzirmos no nordeste mais de uma tonelada de peixe por hectare/ano, contra 400/600 kg nos EE. UU., em razão das condições mesológicas que nos são mais favoráveis, torna-se conveniente encararmos os pequenos e médios açudes sob o prisma em que o fazem os norte-americanos.

Não se pode omitir, também nessas considerações a imprescindível necessidade de se proteger as bacias hidráulicas dos açudes, através de medidas de defesa do solo, inclusive com reflorestamento ou florestamento das encostas, para evitar o assoreamento que reduz rapidamente as suas capacidades de armazenamento, principalmente, devido ao regime de chuvas torrenciais que existe em nossa região tropical. Igualmente afigura-se-nos inadiável a adoção de normas técnicas de higiene na construção dos açudes, poudando-os das contaminações provocadas pela entrada em suas bacias hidráulicas de água, ou resíduos sólidos, veiculadores de germes e agentes patogênicos em geral, bem como a de animais de pequenos, médios ou grandes portes que, ao se dessedentarem e se lavarem, lançam comumente dejeções sólidas e líquidas, altamente prejudiciais à sanidade do precioso líquido armazenado com tanto afã e muitas vêzes com tantos sacrifícios pelos laboriosos agricultores.

Sertão

37. Por ocupar 2/3 da superfície do Estado de Pernambuco, o Sertão é bem a região problema com que se têm defrontado todos os governantes desde os primórdios da nacionalidade. A princípio, fascinando os bandeirantes e aventureiros pela miragem das riquezas desconhecidas, deslocou levas e levas de bravos patrícios, cujas sortes ficavam na total dependência da Providência Divina, o que determinava movimento de reação contra o Governo, por julgá-lo inoperante e dissídiioso na proteção que lhes negava. Em seguida, quando fixadas as áreas promissoras do "hinterland" pernambucano, já em regime sedentário, promovendo a mobilização das forças pro-

dutivas que ali atuavam ou podiam atuar, tornaram-se vítimas das deficiências das comunicações com os centros civilizados, sendo assediadas pelo banditismo infrene que surgia como uma decorrência do isolamento em que se encontravam as comunidades mais futuras e que as levava a lançar contra o Govêrno a pecha da incompetência e até de acumpliciamento.

Com a abertura das rodovias e prolongamento da estrada de ferro que determinaram a intensificação extraordinária do tráfego de veículos auto-motores, novas e animadoras perspectivas alevantaram o ânimo da população sertaneja e despertaram confiança na ação assistencial que lhes poderia ser prestada.

Livres das perturbações do passado que lhes inibiam, ou lhes interrompiam o esforço criador, os sertanejos poderiam corresponder integralmente ao justificado aforisma de Euclides da Cunha: "O sertanejo é antes de tudo um forte". Para isso era necessário que o Govêrno lhes houvesse ensinado a viver como o fazem todos os povos que habitam as regiões sujeitas às intermitências da fartura, ou bonança e escassez, ou privação. Emigrando da costa para o interior, sem um caldeamento étnico que lhes conferisse o espírito de poupança, os valentes patrícios que implantaram a civilização sertaneja não tiveram o devido discernimento para distinguir as características ecológicas entre as regiões do Litoral-Mata e do Sertão, julgando talvez que êste fôsse um prolongamento daquelas, quando no degrau da Serra do Mimoso, ou na Cachoeira de Paulo Afonso, haviam ascendido a uma condição de vida e trabalho que exigia um conhecimento perfeito da natureza, em todos os seus dotes, caprichos e defeitos, a fim de lucrarem ao máximo aquilo que lhes era dado no período curto do calendário anual e prevenir-se com as respectivas reservas alimentícias e os recursos naturais, para atravessar o período negativo, ou melhor chamando, o período de estivação, por que passam tôdas as plantas sujeitas à inclemência do sol tropical, com um mínimo de precipitações pluviométricas.

38. Se os agricultores sertanejos soubessem guardar o que podem colher nas épocas de inverno, utilizando-se dos recursos que lhes são proporcionados pela técnica agrônômica e destacadamente empregando silos para a preservação dos produtos alimentares e sementes selecionadas, bem como para a estocagem dos alimentos animais, não teriam chegado à trágica condição de subdesenvolvimento e desajustamento ora vigente. Lamentavelmente,

o processo evolutivo que moldou a sua mentalidade tornou-os vítimas da atração dos grandes centros populacionais, com as suas illusórias características de bem-estar econômico-social, fazendo-os indiferentes às seduções da vida campezina, as quais decorreriam de sua maior intimidade com a natureza, capaz de tocar-lhes tôdas as cordas do sentimentalismo e de fazer-lhes vibrar de emoções pelo que de soberbo e grandioso podem fruir da terra, no clima puro e sadio do ambiente rural. Daí porque, os agricultores sertanejos sentem-se sempre sacrificados quando se comparam com os de outras regiões e principalmente com seus irmãos cidadãos.

Se já por herança conduzem os seus serviços apoucadamente, dentro da rotina e do empirismo, ao sentirem-se desiludidos e isolados em suas glebas adustas, caem num estado de apatia desalentadora que termina sempre na fuga do campo para outras regiões mais povoadas, quando não para as cidades.

A ação governamental a ser exercida no Sertão terá que estribar-se na preparação das comunidades, em favor da adoção dos métodos de trabalhos associativos e da real poupança ou previdência por parte de todos os seus integrantes. A fim de não haver desperdício dos esforços e recursos, em ações praticadas sem a devida objetividade, afigura-se-nos preferível que os mesmos se concentrem em um determinado grupo de comunidades, nas quais possam ser exercitados todos os métodos de organização e de desenvolvimento, de molde a torná-las exemplos insofismáveis de produtividade e felicidade coletiva, a serem imitados por todos os grupos populacionais nordestinos.

39. É indiscutível que a região são-franciscana representa a maior reserva de recursos naturais existentes no Estado, se considerarmos o nível de fertilidade de seus solos e o estado de sanidade de suas culturas e rebanhos, dentro de um esquema de trabalho eminentemente racionalizado, segundo os princípios da ciência e da técnica agrônômica. Num planejamento a longo prazo que deve marcar a obra de qualquer Governo verdadeiramente interessado pela sorte de seu povo, antes que pela projecção do seu período administrativo, a obra de aproveitamento do Rio São Francisco, para a derivação através o Canal Sobradinho-Moxotó, impõe-se como de primeira grandeza e de execução imediata.

Em todos os países adiantados do mundo, desde os possuidores das maiores extensões territoriais até as minúsculas Holanda e

Bélgica, os canais representam as artérias por onde corre o líquido vitalizador de suas economias, pelo que significam como vias de comunicação e fontes de produção, através os processos irrigatórios que induzem e alimentam. Desde as nações mais ricas, até as menos favorecidas pela fortuna, como o recém libertado Sudão, há sempre uma preocupação constante e proveitosa em fazer o máximo de utilização das águas propícias à irrigação, conduzindo-as através às quotas máximas de altitudes que a gravidade lhes permitir seguir e até mesmo em se usando a onerosa elevação mecânica, por meio de moto cu eletro-bombas. Em nenhuma parte do Universo onde o raciocínio do homem se exercitou no emprêgo da água para atender às necessidades biológicas do solo como suporte de plantas e animais e implicitamente para satisfazer aos imperativos da agro-indústria e pecuária, onde predominam as diretrizes seguras que conduzem os povos ao progresso e à prosperidade máxima, em função do que lhes fornece o solo e clima, despreza-se ou pretere-se a possibilidade de elevação dos cursos de água para beneficiar as áreas agricultáveis mais extensas, limitando-se o uso do elemento líquido apenas às faixas limítrofes aos rios, riachos e lagos.

40. Pernambuco possui condições naturais excepcionais para servir-se da caudal são-franciscana através o canal Sobradinho-Moxotó, tornando apta para a agricultura uma área superior a 1.500.000 ha, além de habilitar-se a multiplicar os seus rebanhos em condições altamente rentáveis em pleno coração do Sertão, a beira das aguadas que surgirão com o represamento dos rios e riachos que cortam transversalmente, ou oblíquamente, a secção do Estado situada entre o limite oeste com o Piauí e o leste com o rio Moxotó. Com a navegação prolongada até Moxotó através os canais e lagos naturais a serem formados para receber as águas desviadas do Rio São Francisco, poder-se-á despertar para a produção toda a imensa região ora com o seu desenvolvimento estagnado, compreendida entre os municípios de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, Floriano, no Piauí e Crato no Ceará, nutrido-se, ainda as mais fagueiras esperanças no escoamento do minério de ferro entesourado no quadrilátero ferrífero de Belo Horizonte, sem meios de transporte econômico que possibilite a sua exportação para o exterior. Preenchendo, pois, a dupla finalidade de servir à região sertaneja e ao Estado de Pernambuco, em geral, em função do que vale como instrumento de dinamização das messes fornecidas pela terra e como meio de transporte de riquezas e de fartura existentes

na região centro-leste do Brasil, abrangendo justamente os Estados da Bahia e Minas Gerais, possuidores do maior acúmulo de minérios das mais variadas gamas, o Rio São Francisco, prolongado e alteado pelo Canal Sobradinho-Moxotó, terá de exercer realmente o papel do rio da nacionalidade, fortalecendo a economia de toda a região nordestina pelas implicações de seu desenvolvimento agro-industrial-pastoril e concorrendo para o bem-estar geral de sua gente, visto propiciar o ajustamento natural de todos aquêles hoje enquadrados no rol dos flagelados, ou banidos da terra pela ocorrência das sêcas. Acresce a circunstância de que o Canal Sobradinho-Moxotó determinará a perenização dos rios pernambucanos afluentes do S. Francisco, regularizando a contribuição dos mesmos, em benefício da reserva hidrelétrica de Paulo Afonso.

41. Dos estudos realizados por eminentes técnicos brasileiros e estrangeiros, chegamos a conclusão de que há uma vocação mediterrânea na região são-franciscana de Pernambuco, o que significa dizer que nela podem ser cultivadas tôdas fruteiras que representam a riqueza agrícola dos países, departamentos e possessões da Europa e África do Norte banhados pelo Mediterrâneo. Assim, têm-se como recomendável a cultura da videira para produção de uvas de mesa, vinhos e passas. Mesmo que não se pretenda fazer de Pernambuco um Estado vinhateiro, por respeitarmos o direito de prioridade na produção do Rio Grande do Sul e São Paulo, deve-se aproveitar com a maior brevidade possível o ambiente sêco da margem são-franciscana, com temperaturas elevadas e umidade atmosférica extremamente reduzida durante os dias, para produção de passa que importamos presentemente da Argentina, Chile, Portugal e Espanha, gastando divisas e comprando-a como artigo de luxo, inacessível à capacidade aquisitiva média da população brasileira.

Os resultados já colhidos em Jatimã autorizam-nos a confiar no sucesso de qualquer empreendimento agrícola, visando a produção em larga escala, de uvas das melhores castas. Dado o seu custo atual superior a Cr\$ 80,00 p/kg, comporta pagamento de fretes, mesmo de avião, podendo ser vendida *in natura* nas praças do nordeste, norte e leste do país.

As possibilidades de cultivo e industrialização, principalmente para preparação de figos e tâmaras ressequidos e açucarados, são excelentes, o que permitirá a diversificação das fontes de receita sertaneja, com conseqüente economia de divisas e abertura de

margens para exportação. Tôdas as fruteiras do clima tropical e subtropical podem ser cultivadas com grandes vantagens na região em foco.

É do conhecimento geral dos agrônomos identificados com as demais regiões pernambucanas e nordestinas que os pomares de citrus do sertão e particularmente das margens do Rio São Francisco são os mais bem desenvolvidos e produtivos, comparando-se mesmo favoravelmente com os melhores do país. Na fazenda do Cel. Veremundo Soares, em Salgueiro, as suas laranjeiras ainda novas, com menos de 5 anos de frutificação, submetidas à irrigação, já produzem uma média de 400 frutos por planta, superior a da própria Califórnia, considerada como um dos mais importantes centros citrícolas do mundo.

O magnífico aspecto e características organolépticas dos frutos das bananeiras de diversas variedades, especialmente da "maçã", atestam a importância que se deve emprestar à sua cultura, como meio de suprimento de tôdas as cidades sertanejas e até das outras regiões capazes de serem atingidas pelo transporte rodó-ferroviário.

42. No que respeita à horticultura, não há a menor sombra de dúvidas sobre o êxito surpreendente que se poderá alcançar em relação ao cultivo de tôdas as plantas que possuam valor econômico e comercial. Haja vista o caso da cebola, que assumiu um destaque tão extraordinário, chegando mesmo a amedrontar os produtores do Rio Grande do Sul e São Paulo, os quais apelaram para o Ministério da Agricultura, encarecendo os seus bons ofícios no sentido de deter a expansão da produção ceboleira são-franciscana. Isto porque, as condições mesológicas, favorecendo o desenvolvimento do bulbo e mais ainda a sua secagem ao natural, conferem ao produto pernambucano uma qualidade superior que lhe assegura um sobrepreço de Cr\$ 2,00 sobre o similar sulino, pago sem titubear pelos grandes compradores grossistas e armazenistas, em função de seu maior tempo de conservação, correspondente a cerca de 12 meses, contra o tempo de início do perecimento do produto sulino, equivalente a apenas 6 meses.

As experiências realizadas com a cultura do tomate pelo agricultor espanhol José Molina, proporcionando-lhe um lucro superior ao da própria cebola, que equivale dizer a mais de Cr\$ 100.000,00 por hectare, para um período de 3/4 meses, em se considerando preços moderados do aludido fruto, demonstram cabalmente que

a capacidade produtiva da região supera todos os limites normais previsíveis para as do Litoral-Mata e Agreste.

Contando-se com a viabilidade de emprêgo na indústria peleira do bagaço de cana e outras fibras duras vegetais de custo reduzido, principalmente o caroá e a macambira, afigura-se nos perfeitamente seguro o desenvolvimento da horticultura na região são-franciscana, para fins de abastecimento dos grandes centros populacionais, utilizando-se caixas ou grades de papelão corrugado, que devem ser fabricadas no próprio Estado, para embalagem dos produtos a transportar.

43. As culturas de subsistência precisam ser encaradas com o maior interesse por parte dos governantes, emprêsas privadas e agricultores em geral, como fonte de receita apreciável para a região são-franciscana. O arroz, o milho, o feijão, o amendoim, o gergelim e a mandioca, como mais importantes, seguidas de tôdas as outras culturas que possam fornecer contingentes alimentares passíveis de melhorar a dieta de nossa população e conseqüentemente prover-lhe das energias necessárias à prestação de serviços cada vez mais intensos e úteis à pátria, devem figurar como pontos altos da economia regional do São Francisco.

44. Com as facilidades proporcionadas pela energia elétrica abundante e por uma ecologia que favorece as atividades agrícolas subordinadas ao agente de vitalização dos solos, representado pela água de irrigação, é de supor-se que surja rapidamente um parque industrial local, capaz de absorver as matérias primas vegetais para transformá-las em gêneros de uso corrente na alimentação humana, tais como: farinha de arroz ou arrozina, pó de milho, maizena, óleo extraído do germe ou embrião e outros tipos de alimentos derivados desse cereal, feijão em conserva, puro, ou em mistura com carne e fressura, óleo e torta ou farelo de amendoim, gergelim e algodão, farinha de mandioca para mesa, amido para fins industriais, etc.

45. Na apreciação da capacidade produtiva dos solos são-franciscanos salienta-se a sua influência na redução do ciclo vegetativo das plantas de valor econômico, que, como no caso da mandioca, corresponde a uma diferença de até 6 meses em relação ao das plantas cultivadas na região da mata. Isso implica num apreciável barateamento do custo de produção, visto que o capital dispendido com a implantação da cultura e seus subseqüentes tratos

é gravado por um juro baixo em função do prazo curto de recuperação, ficando a terra livre para outros cometimentos.

46. O algodoeiro é a cultura de maior expressão econômico-social para o sertão pernambucano, uma vez que está difundido em todos os municípios nêle enquadrados. Serve como meio de vinculação do rurícola às suas glebas, alimenta o 2.^o mais importante parque industrial do Estado e por extensão do Nordeste — o de tecidos, aniagens, óleo comestível, gordura vegetal e torta para alimentação animal — e ainda contribui para a melhor circulação da riqueza, através o sistema de financiamento aplicado em seus negócios, com a participação de entidades bancárias oficiais e privadas, além das empresas industriais e comerciais.

Aos intermediários ou açambarcadores cabe a responsabilidade pelo aviltamento de preços das mercadorias agrícolas. Os negócios com algodão, em geral permitem aos agricultores operar diretamente com as firmas compradoras industriais-comerciais, com livre arbítrio para entrega de seu produto ao preço que lhes convém, sem suportarem os grilhões dos agiotas rurais, ou dos gananciosos e desalmados compradores dos produtos “na fôlha” que vivem à custa da ignorância e da boa fé dos desavisados sertanejos. Indubitavelmente, é no setor algodoeiro que se encontra a maior compreensão entre agricultores e industriais, pois, sem interferência governamental, apenas sujeitos às normas da boa ética e bom entendimento, os dois esteios da economia estadual podem manter um nível de preço regulado pelo mercado internacional, tornando o volume da fibra pernambucana e por extensão nordestina, função da capacidade aquisitiva dos centros consumidores, sem fugir à inexorável lei da oferta e da procura.

47. Até 1956, a cotonicultura era concebida em termos de sêca, sujeita a todos os percalços impostos por uma natureza avarenta e incerta. Na época em que eclodiu a crise da cultura ceboleira, em consequência do excesso de produção verificado na região do São Francisco, lançou a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S. A. “SANBRA”, as bases para a cotonicultura com irrigação, sediando os seus agrônomos no município de Cabrobó. Em cumprimento às determinações da Secretaria Geral da Agricultura, Indústria e Comércio, proibindo o plantio dos algodoeiros herbáceos além da linha que corre do município de Arcoverde à Petrolândia, introduziu a “Sanbra” linhagens da mais alta categoria do algodão

arbóreo, oriundas da Estação Experimental de Cruzeta, Rio Grande do Norte. Os efeitos desse trabalho estão à vista, abrindo perspectivas alvissareiras para a cotonicultura da região em foco, pois a média de produção em rama por ha., para plantações de apenas um ano, foi superior a 1.000 kg, contra a média geral do Estado de apenas 274 kg, computando-se plantas em fase de máxima produtividade. Acresce a circunstância de que o aspecto fito-sanitário das culturas marginais do São Francisco é dos mais animadores, sendo de notar que a broca, ou *Euthinobothrus brasiliensis* não se manifesta nas plantações irrigadas, em franco contraste com as não regadas que lhes rodeiam, onde os aludidos insetos infestam os troncos e galhos da resistente malvácea. Essa praga representa o problema mais sério da cotonicultura nordestina, exigindo a maior atenção dos agrônomos e agricultores, por isso que o seu controle com inseticidas clorados reclama estudos bem acurados e subsequentes comunicações de resultados a todos os participantes da campanha de desinfestação das áreas prodigalizadoras do "ouro branco".

48. As observações e estudos realizados pelos agrônomos paulistas do Instituto Agronômico de Campinas, induziram-lhes a aconselhar à Comissão do Vale do São Francisco o plantio de sementes da espécie herbácea, variedades "Campinas" ou "Express". A título de experiência, em regime de cooperação mútua, as duas instituições resolveram plantar no Pôsto do Brígida, semente selecionada recebida de São Paulo, cuja produção atingiu ao impressionante limite de 3.800 kg por ha., sem adubação, com fibra de 34/36 mm.

49. Vale notar que o alegado enfraquecimento da fibra como decorrência da irrigação não se confirmou no material examinado em laboratório, sendo de prever que apenas as plantações sujeitas ao excesso d'água, cujos indivíduos sofram de perturbações de metabolismo na fase da elaboração das fibras, ou que tenham a colheita retardada, expondo-as ainda nos capulhos às alternativas do excesso de calor, com conseqüente desidratação, ou dessecação nos períodos de maior incidência solar e de absorção de umidade nos períodos noturnos, quando o higrômetro marca até 85, enquanto ao meio dia chega apenas a 45/50. O fenômeno acima mencionado pode acarretar alterações na estrutura da fibra, tornando-a sujeita às fraturas que se traduzem pelo seu enfraquecimento, ao serem submetidas às provas tecnológicas.

50. A irrigação parcimoniosa, realizada apenas quando se aproxima o ponto de murchamento das plantas, predeterminado por testes já consagrados como de real eficiência e a colheita procedida imediatamente após a abertura dos capulhos, assegurarão uma alta produtividade agrícola, acompanhada de preservação das superiores qualidades das fibras oriundas de sementes devidamente selecionadas.

51. As culturas da juta, papoula do São Francisco, rami, guaxima e linho, também são altamente promissoras para a margem do Rio São Francisco. A primeira foi realizada com todo êxito na Estação Experimental de Jatinã, em 1948, pelo agrônomo japonês Tackshiro Houma, genro do agrônomo Ohiamma, que a introduziu na Amazônia, contribuindo de maneira decisiva para a sua multiplicação na Colônia Japonesa da Vila Amazônica, em tal escala que determinou a emancipação do Brasil das importações da mercadoria asiática. No ambiente sertanejo não se manifestou a ação prejudicial dos agentes criptogâmicos *Diplodia* e *Vermicularia*, causadores do apodrecimento das hastes de plantas que crescem em locais excessivamente úmidos. A última já foi devidamente testada pela "Sanbra" em seu campo de pesquisas, em Areias — Recife, produzindo sementes em quantidade suficiente para permitir o prosseguimento dos experimentos de aclimação.

52. O agave e o caroá ainda complementarão a economia da região em foco, no que respeita às fibras duras, contribuindo para a mais ampla diversificação de suas fontes de receita. Essas culturas, sendo menos exigentes em água, poderão cobrir as áreas não atingidas pela irrigação.

53. Se bem que seja recomendável a promoção das medidas de fomento à produção animal nas zonas do Sertão menos propícias aos trabalhos agrícolas, especialmente tendo-se em vista que o Canal Sobradinho-Moxotó irá oferecer condições magníficas para essa atividade, pela formação das extensas aguadas em tôda a sua margem esquerda, alcançando os municípios centrais do Sertão, de Parnamirim a Salgueiro, nada obsta que se aúfiram as vantagens do alto rendimento em massa vegetal verde e em elementos concentrados que se pode obter dos solos irrigados da região em tela. Qualquer gramínea ou leguminosa forrageira, inclusive a decantada alfafa, medram exuberantemente ali, construindo a base para a pecuária leiteira, ou criação intensiva em regime de estabulação

permanente ou semi-estabulação. A própria mandioca, cujos rendimentos por ha. excedem todos os limites considerados como elevados das regiões Litoral-Mata e Agreste, garantirá um suprimento alimentar altamente vantajoso para a pecuária brasileira, em se fazendo a utilização integral de suas raízes tuberosas, hastes e fôlhas.

54. Impõe-se como providência inadiável, a eliminação da temível planta conhecida vulgarmente como "canudo" ou "matabra" — *Ipomeae fistulosa* —, responsável pela mortandade do gado que a ingere, cuja maior dispersão ocorre ser às margens do Rio São Francisco.

Os herbicidas totais já tiveram a sua eficiência comprovada localmente, em experimentos realizados pela "Sanbra". Como medida mais eficiente de erradicação, afigura-se-nos a conveniência de um entendimento com a Comissão do Vale do São Francisco para ser procedido o contróle geral da *Ipomeae*, a partir da nascente do Rio até a sua foz, evitando-se com isso que as suas águas sirvam como veículo para a propagação dessa prejudicial planta tóxica.

55. A margem do Rio São Francisco, na faixa pernambucana, já exhibe as rodas-d'água e moto-bombas, além das eletro-bombas existentes na seção beneficiada com a energia de Paulo Afonso, que vai de Petrolândia até Itacuruba. A esses engenhos mecânicos, destinados a elevar a água do leito do Rio aos campos ressequidos deveriam acrescentar o catavento e as noras, sem falar nos rudimentares cilindros de Arquimedes e guinchos elevatórios que se distribuem aos milhares nos campos serpenteados pelo fabuloso Nilo, seus afluentes e canais, desde o Sudão ao Egito.

Não estando o Sertão pernambucano incluído entre as chamadas zonas áridas do mundo, gozando, pois, uma superioridade sobre os centros agrícolas do Oeste norte-americano, Norte da África, Nordeste da Ásia, Sudoeste da Europa e extensas áreas dos países ocidentais da América do Sul, nada justifica que se lhe atribua a condição de impróprio para as atividades agro-pastoris e industriais, desprezando-se o seu potencial econômico e as características produtivas do seu solo e clima. Não se diga que o sertanejo, resultante da interação de um patrimônio genético bem formado com o meio ambiente vivificador e ao mesmo tempo implacável na seleção natural processada nos seres vivos que lhe povoam, seja inferior aos habitantes de outras plagas do globo, onde a aspereza e as

dificuldades de vida ensinaram a captar a água de qualquer maneira, para utilizá-la como coadjuvante da fecundação da mater terráquea.

Mesmo em se admitindo que a nossa gente desbravadora dos sertões não tivesse sabido recorrer ao suprimento d'água de profundidade, valendo-se apenas das fontes, rios ou riachos que permitem a irrigação por gravidade, o que se conseguirá em escala extraordinariamente grande com a construção do Canal Sobradinho-Moxotó, temos de convir que o desenvolvimento da nossa Pátria e o desbravamento do nosso "hinterland" já exigem a instalação de mecanismos elevadores em todos os pontos onde há possibilidades econômicas de captação da água para irrigação, enquanto não dispusermos das facilidades de uma irrigação por gravidade proporcionada pelo Canal acima aludido.

Recomendam-se os estímulos e a construção local de todas as obras de água e catavento, objetivando-se absorver a mão-de-obra sertaneja, reter o capital aplicado na aquisição da mesma e criar um artesanato útil à agricultura e à pecuária ribeirinha.

56. Se bem que a análise sócio-econômica da região são-franciscana induza qualquer administrador público, agrônomo, homem de negócio e agricultor esclarecido a tomá-la na melhor acepção de produtividade, há um problema de extrema importância a ser considerado no planejamento geral para uso de suas terras, o qual tenderá a assumir um caráter de gravidade, caso não sejam respeitadas as normas sadias e avançadas da agronomia. Referimo-nos à questão da salinização dos terrenos sujeitos a irrigações constantes e descontroladas, capazes de elevar o nível do lençol freático, abrindo franca comunicação com a atmosfera, através os canais capilares, por onde ascenderá o líquido salinizado do subsolo, para evaporar-se rapidamente, deixando à superfície as eflorescências de sais, principalmente sódicos, que os esterilizam, vedando ao homem o direito de explorá-los. Embora sejam conhecidos os métodos de correção da salinidade, através a adição de matéria orgânica em grande volume e, principalmente, de gesso, não se deve pensar em recorrer aos mesmos em escala agro-comercial, dado os seus altos custos.

Concomitantemente com a irrigação devem ser realizadas obras de drenagem em todas as áreas irrigáveis, de modo a man-

terem-se as características de fertilidade dos solos, sem o perigo das migrações das reservas salinas. Vale acentuar que a irrigação por gravidade, em se contando com uma fonte de suprimento constante, barata e sem as inconveniências acarretadas pelos altos teores salinos, tornará fácil e racional a aplicação do processo irrigatório em termos verdadeiramente econômicos, sem incidirmos nos erros que conduzem à salinização das terras agriculturáveis.

57. Como problema de relevante importância, também considera-se a erosão, tanto eólica como acarretada pelo impacto das raras precipitações pluviométricas, quase sempre torrenciais, ou pelo carreamento das camadas superficiais dos solos, como resultado das irrigações praticadas rotineiramente. No 1.º caso é aconselhável a formação de cortinas vegetais ou cêrcas vivas, para proteger as áreas mais expostas, escolhendo-se espécies vegetais de porte alto, tanto o quanto possível uniforme, de sistema radicular profundo e de máximo geotropismo.

O reflorestamento convém ser procedido em maciços, ou em faixas, sem prejuízo do aproveitamento dos terrenos agricultáveis passíveis de fornecer produtos alimentares e matérias primas aos diferentes ramos da indústria.

58. O micro-clima da mais alta importância para o sertão pernambucano e, por extensão, para o nordestino, é a Serra do Araripe, cujos solos agricultáveis estão a altitudes que variam de 630 a 670 m, possuem as melhores características sob o ponto de vista da textura e estrutura, sendo ainda providos de elementos nutrientes para as plantas em níveis plenamente satisfatórios à obtenção de altos rendimentos. A topografia favorece a execução das operações agrícolas, permitindo tôda sorte de mecanização. Sendo de natureza cretácea, a Serra do Araripe ainda mantém uma reserva de água no solo capaz de atender às mais urgentes e prementes necessidades agro-industriais, mediante a abertura de poços tubulares e o emprego de bombas de profundidade.

Com a construção do Canal Sobradinho-Moxotó, que irá formar um sistema de rios e lagos permanentes, cobrindo uma ampla faixa delimitante do sertão alto e do Araripe, haverá, implicitamente, uma evaporação constante capaz de promover a condensação de nuvens, com subseqüentes precipitações pluviométricas, tendentes a atenuar e talvez até eliminar os fenômenos das sêcas em tôda a seção oeste de Pernambuco.

A Serra do Araripe, com variações de temperatura entre os dias e as noites superiores a 10° C, é dotada de um clima próprio para enrijecer a fibra do elemento humano tornando-o mais apto a desempenhar o seu papel de criador de riquezas com desenvoltura, resistência orgânica e melhor preparação psicológica.

Essa oscilação térmica possibilita e indica a conveniência do cultivo da oliveira, por cujos frutos e óleos pagamos pesados tributos de importação ao estrangeiro. No que respeita a solos e clima não há no Estado de Pernambuco, nem no Nordeste, zona mais propícia à olivicultura do que a Serra do Araripe. Pelas razões acima expostas ela também se presta a tôdas as culturas tropicais e subtropicais, estendendo ainda as suas vantagens ecológicas mesmo às culturas de clima temperado, como o trigo, a aveia e a cevada que em regime de pluviosidade normal para as suas exigências, poderão medrar satisfatoriamente. O amendoim e a batatinha encontram ali as melhores condições de solo, convindo merecer a preferência de cultivo, principalmente o primeiro, porque poderá suprir as deficiências da matéria prima do parque industrial de oleaginosas.

Tôdas as plantas de tubérculos e raízes tuberosas gozam as melhores prerrogativas de desenvolvimento na Serra do Araripe, pelo que devemos antevê-las como riqueza florescente, tão logo haja uma orientação adequada e uma organização de produção compatível com os anseios de progresso e prosperidade da coletividade pernambucana.

59. Assim como comporta o cultivo da maioria de plantas tropicais e subtropicais e até algumas do clima temperado, sendo que a possibilidade do plantio destas se amplia em relação ao micro-clima da Serra de Triunfo, situada entre a chapada do Araripe e os contrafortes da Borborema, atrai de modo positivo as atividades pastoris que devem ser condicionadas a uma criação intensiva, baseada na orientação de um fechamento perfeito do ciclo biológico vegetal-animal.

A própria criação de ovinos laníferos é admissível como econômica para a Serra do Araripe, embora não se recomende a expansão deste setor pecuário em virtude do suprimento fácil de se obter seus produtos derivados nos mercados sulinos.

60. Dentro de um planejamento geral para Pernambuco, cumpre-nos encarar a faixa intermediária entre o sistema orográfico

das Serras do Araripe-Borborema e o Rio São Francisco como propícia a uma agricultura relativamente limitada em espécies vegetais de valor econômico, enquanto que própria para o desenvolvimento das atividades pecuárias.

No que concerne à agricultura, avultam pela importância e perspectivas favoráveis as culturas do algodão, mamona e caracá, dispersas em tôda a faixa e a da maniçoba, existente no município de São José de Belmonte.

61. Desde que se pratiquem as normas de cultivos firmadas em princípios agrônômicos no que respeita à cultura algodoeira arbórea, única que deve prevalecer nas áreas secas, por sua natural resistência às condições adversas do meio e pela superior qualidade de suas fibras, quando evitada a hibridação com espécies herbáceas, é de crer-se no sucesso econômico dos empreendimentos algodoeiros, principalmente quando imperar a idéia da associação das atividades agrícolas com as pecuárias, sem que haja sacrifício das plantações sujeitas presentemente ao descabido e absurdo sistema de poda pelo gado, pois servem de pasto na maioria das propriedades sertanejas, proporcionando um mínimo de alimento aos animais, sofrendo em contrapartida um desgaste e uma mutilação que reduzem a rentabilidade da cultura algodoeira a um limite muito aquém dos índices normais que prevalecem para as plantações não danificadas.

Presentemente, paira uma dúvida sobre o valor da variedade "Seridó" cujas matrizes foram originadas da Estação Experimental de Cruzeta, atribuindo-se perda de longevidade aos seus descendentes, o que contrariaria os hábitos arraigados dos sertanejos, de esperar colhêr várias safras dos algodoeiros tipo "Mocó" sem necessidade de renovação dos plantios. Indubitavelmente, os casos registrados decorreram de perturbações de natureza fisiológica, ligadas aos fenômenos da estivação.

Conjeturamos sobre a inconveniência da poda anual, principalmente, da chamada "radical" ou "baixa", praticada mais generalizadamente pelos agricultores que empregam semente selecionada. Em se tratando de uma planta arbórea, que precisa elaborar tecido lenhoso e passar anualmente por um longo período de latência metabólica, não se justifica a poda sistemática e drástica que a força a renovar todo o seu arcabouço vegetativo-produtivo no período curto do inverno, depois de ter o seu sistema radicular

enfraquecido pela migração da seiva vitalizante que ascende ao caule e aos ramos, perdendo-se por evapo-transpiração, para ainda oferecer as messes das fibras e das sementes oleaginosas.

Convém fazer-se apenas a poda de formação ou a "limpeza pós-safra", a fim de se eliminarem os ramos deformados ou arruinados, aos quais se prendem capulhos ou maçãs defeituosas, infestados por insetos ou infectados por fungos e bactérias, preparando-se assim as plantas para uma rebrotação positivamente rendosa.

62. A mamoneira, como tôdas as plantas tropicais e subtropicais, deve ser plantada no Sertão com especial atenção para as regras do espaçamento, evitando-se expor os solos em que se implantarem às intensas perdas de água por evaporação direta. Segundo as observações procedidas pelo grupo agrônômico da "Sanbra", os solos silicosos chegam a apresentar temperaturas de até 62°C nas horas de maior canícula, enquanto os protegidos apenas pelas sombras de folhagens das mamoneiras distanciadas de 1,50 m x 1,00 m marcam temperaturas de 32 a 34°C. Tomamos como comum uma diferença de temperatura entre solos silico-argilosos sombreados e não sombreados, de 20 a 25°C, para dias de maior intensidade luminosa e, conseqüentemente, de mais elevados índices caloríficos.

Evidentemente, faz-se necessário preservar o elemento hídrico essencial à vida da planta, reduzindo-se ao mínimo as perdas diretas, mediante a adoção dos processos de escarificação e sombreamento. Nos locais em que há pluviosidade acima de 300 mm por ano, recomenda-se o "mulching" como prática racional de agricultura.

63. O caroá, além de servir como matéria prima para as cordoarias e fábricas de aniagem, já se inclui também entre as fibras longas e duras nordestinas destinadas à fabricação de celulose e papel. A iniciativa do Governo de Pernambuco em 1954, ao mobilizar os recursos técnicos e financeiros para a montagem da Fábrica de Caroalinho, em Sertânia, resultou da constatação indiscutível acêrca da superioridade da fibra de caroá tratada pelo processo "schalmz", bacteriológico, para aplicação em tecidos grossos e aniagens, ultrapassando em resistência e em aumento de rendimento dos fusos e fiandeiras, à própria juta.

Se bem que as novas utilizações do caroá, beneficiado segundo as normas técnicas, ou mesmo sem nenhum aprimoramento, redu-

zam as disponibilidades com que poderia contar a Fábrica de Carroalinho, isto principalmente devido a um emprêgo em larga escala da bromeliácea pernambucana para a confecção dos calçados tipo alpargatas e para a manufatura de papel fino empregado como envoltório dos fumos dos cigarros, desde o momento em que se passar a colhêr o caroá cortando-lhe as fôlhas de dimensões apropriadas, em vez de arrancá-las bruscamente, o que acarreta profunda traumatização das plantas, causando-lhes a morte, ou quando forem levados a cabo culturas bem orientadas para a formação de maciços fibrosos, modificar-se-á o panorama agro-econômico do caroá, o qual foi doado pela natureza aos sertões como uma fonte de renda prodigalizadora de meios de fixação do homem, desde quando seguida a boa e racional organização do trabalho agro-industrial.

64. A maniçobeira, em regime de vegetação subespontânea, não recebeu ainda os devidos cuidados da parte dos agricultores do município de São José de Belmonte, cujas características de solo e clima proporcionam o seu maior desenvolvimento de produtividade. Em 1954, a Secretaria de Agricultura concitou-os a aperfeiçoar o sistema de coleta do latex, mediante as incisões corretas no fuste das plantas e a imprescindível colocação da vasilha ou tijela coletora, evitando que continuassem a empregar o arcaico e antieconômico método, em depressões do solo, na zona do colete. Foi distribuído o material adequado para que se atingisse esta primeira meta visada, em prol da valorização da cultura maniçobeira em Pernambuco. Lastimavelmente, resultaram infrutíferos os esforços, pela solução de continuidade processada na administração estadual e pela falta de compreensão dos rurícolas locais.

Faz-se mister, entretanto, que o Governo retome as medidas mais oportunas no sentido de incrementar o plantio da espécie vegetal que fornece o excelente látex, básico para a fabricação da borracha esponjosa de uso tão corrente em todos os países mais adiantados do mundo, para os mais diversos fins.

65. A faixa central do Sertão, no sentido longitudinal da nossa unidade federativa, reclama um trabalho de reflorestamento e florestamento, como sói acontecer com as outras áreas sertanejas, em garantia para um suprimento conveniente de madeira de lei destinada ao emprêgo geral que o progresso tecnológico e a prosperidade social geram e determinam.

A par da preservação das pouquíssimas reservas florestais ainda existentes, tal como a Serra Negra, é indispensável a formação de maciços com essências de superior qualidade, que assinalem a riqueza potencial da flora sertaneja.

É irretorquível o valor de espécies vegetais nativas, como a baraúna, o umbuzeiro, cujas raízes, caule, ramos, fôlhas e frutos prestam-se à alimentação humana e da pecuária; a faveleira, também apetecida pelo gado e produtora de semente oleaginosa; a canafístula, o juazeiro, a caatingueira, o morcró e o *Ficus bejamina*, que se incluem entre as ótimas plantas arbóreas forrageiras e sombreadoras; o angico, fornecedor do tanino de uso obrigatório nos curtumes e outras indústrias do âmbito nordestino e ainda passível da exportação. Entre os arbustos não se olvidam o mandacaru e o facheiro, cactáceas que já se incorporaram à economia sertaneja pelo uso que dêles fazem homens e animais. Vale notar que no oeste norte-americano os frutos dessas cactáceas merecem a maior preferência de agricultores e institutos de pesquisas agrônômicas como fonte de suprimento de vitaminas, especialmente a A, B e seus complexos e D, porisso que buscam êsses frutos, àvidamente, para degustá-los *in natura* ou transformá-los em massa comestível e geléia.

Com relação às ervas que crescem em todo o Sertão, merece consideração especial pelo seu valor como cobertura florística, riqueza em proteína e hidrato de carbono, o "mata-pasto", que tem 12,49% de umidade, 15,05% de proteína e 10,80% de hidrato de carbono, podendo, portanto, servir para a preparação de silagem rica.

Entre as plantas alienígenas convém propagar a algaroba e o aveloz. A primeira como fornecedora de lenha e madeira para uso em serraria e, precipuamente, como provedora de alimento rico e apetitoso para a manutenção dos animais. Suas vagens, cujos preços por quilo já alcançam no interior da Paraíba até Cr\$ 6,50, podem servir como renda subsidiária ponderável aos agricultores que estendam o seu plantio além dos limites das necessidades de sua própria pecuária. É de notar que há dois tipos de algaroba, sendo um chamado vulgarmente de "mesquite" nos Estados Unidos da América do Norte, menos produtivo em vagens e altamente invasor, cuja introdução deve ser evitada por todos os meios, enquanto a algaroba forrageira, de porte mais elevado e vagens mais

longas, possui real valor econômico e tem a sua dispersão mais compatível com os interesses regionais agro-pastoris.

Quanto à segunda, ou seja, o aveloz, a sua propagação deverá visar antes de tudo a contenção dos solos de encosta, através o plantio em curvas de nível, de modo a que se constituam renques ou cortinas naturais para defendê-los das erosões fluviais e eólicas. Dadas as vantagens que proporciona, já citadas no item 31, assegurará um duplo aproveitamento como planta protetora do solo e da fauna nativa e como matéria prima para uso industrial.

Impõe-se o tratamento fito-sanitário preventivo para todos os campos agrícolas pernambucanos, como imperativo agro-econômico, uma vez que as reduções de safras verificadas estão numa estreita dependência da falta de defesa das plantações contra a ação insidiosa e constante dos insetos e agentes criptogâmicos. Para isto, já está a S.A.I.C. habilitada a proceder até polvilhamentos aéreos, valendo-se de um avião próprio para esse mister, em operação desde 1954.

66. A pecuária nordestina e especialmente sertaneja, estribada na criação de bovinos de corte e de trabalho, eqüinos, muares e asininos, para montaria e tração de máquinas agrícolas, ovinos deslanados e caprinos "moxotó" ou "anglo-nubianos", é uma riqueza natural, que precisa ser encarada em termos de máxima racionalização, no sentido econômico propriamente dito.

Além das providências já abordadas acima, capazes de criar condições favoráveis nos setores de alimentação animal e bromatologia, afigura-se-nos irrefutável a adoção das normas de defesa sanitária animal, visando-se eliminar os focos de verminoses e zoonoses em geral, que atingem animais de grande, médio e pequeno porte, inclusive aves, principalmente os de pneumoenterite dos bezerros, piroplasmose, anaplasmose, brucelose, tuberculose, raiva bovina e canina, carbúnculo hemático e sintomático, encefalomicelite, garrotilho, *Corineum bacterium* dos caprinos, pulorose, cólera aviária, "new castle", etc.

Desde que o gado de Pernambuco é completamente livre de bernes, o que lhe garante melhores condições de saúde e superioridade dos couros e peles que contribuem para a receita estadual, havendo mesmo preferência especial dos consumidores deste produto de ordem animal para os oriundos dos sertões pernambucanos e baianos, merecendo melhor aceitação os originários dos municípios

de Petrolina e Santa Maria da Boa Vista, em Pernambuco, e Curaçá, na Bahia, tudo indica a necessidade de ser dado um destaque adequado ao assunto em tela num planejamento geral econômico, cujo esboço apresentamos.

Uso da terra — Trabalho rural

67. Na configuração do esquema do uso da terra dentro das mais amplas considerações antropológicas, agronômicas, e sócio-econômicas, resulta como imperativa a conveniência da Reforma Agrária, da qual decorram maiores e mais justas oportunidades de acesso à terra para os laboriosos rurícolas menos afortunados ou sacrificados pelo "handicap" de uma herança que lhes privou de exercer com plenitude as suas atividades campesinas, de acordo com os anseios naturais da espécie humana, de caminhar sempre pela estrada que possa conduzir ao bem-estar econômico-social. Entendemos que a Reforma Agrária no Brasil não pode ser encarada em termos de legislação federal, abrangendo todo o território nacional, por carecerem os nossos rurícolas de instrução e educação, pois não possuem discernimento bastante para aplicar métodos de trabalhos condizentes com as imposições decorrentes da divisão das propriedades expostas a uma maior demanda de trabalho individual, dentro de uma orientação comercial asseguradora da liquidez de suas empresas agrícolas, nem também compreensão acerca dos direitos e deveres que lhes cabem acatar em prol do equilíbrio e harmonia do sistema social que constitui o arcabouço da infra-estrutura econômica que se procura armar, corrigir e consolidar em termos de recuperação.

A área compreendida entre o Canal Sobradinho-Moxotó e o Rio São Francisco, está destinada a servir como parque de uma experiência da Reforma Agrária, dentro do maior respeito ao direito de propriedade dos coestaduanos que a habitam, induzindo-se os menos dotados de recursos financeiros e administrativos a constituírem organizações agro-pastoris ou agro-fabris, com participação de capital local ou regional e até fazendo colonização com elementos exclusivamente nacionais, ou intercalados com estrangeiros devidamente selecionados.

A colonização exige o estudo metuculoso da área do trabalho, com tôdas as implicações relacionadas com o tipo ou categoria de colonos a se instalarem, objetivando-se facilitar a sua adaptação e subsequente integração no meio ambiente natural e social, sem

tropeços ou inibições psicológicas capazes de gerar dissensões e frustrações determinantes dos insucessos frequentes, ocorridos em outros centros brasileiros controlados pelo Governo.

Servem como exemplo positivo de colonização bem orientada os núcleos holandeses no sul do Brasil, para não falar nos mais antigos de italianos, alemães e japoneses, cuja gente trouxe com os seus amplos conhecimentos de agricultura, pecuária e indústria rural, o espírito de organização indispensável ao êxito de qualquer empreendimento realizado com finalidade econômica.

68. Ao se equacionar os sérios problemas que atingem governantes e povo pernambucanos, verifica-se, não raramente, ausência da participação dos elementos femininos nos trabalhos rurais e particularmente de comunidades, o que acarreta uma sobrecarga de manutenção para os obreiros da terra, privando-os muitas vezes dos grandes estímulos proporcionados pela ação conjunta da família na perseguição dos objetivos de rendas, em busca do ideal de progresso e de prosperidade.

A par das atividades em que podem ser engajadas as mulheres e as crianças, integrantes da população rural, cumpre orientá-las em prol do aproveitamento de todos os recursos alimentícios não negociados, a fim de transformá-los em conservas ou produtos não perecíveis. Cabe-lhes também auxiliar na separação das melhores sementes, para fins de plantio na época oportuna, contribuindo para o processamento de uma seleção massal, cujos efeitos poderão ser notados claramente no decorrer de poucos anos de trabalho efetivo, preservando-as das deteriorações causadas por agentes climáticos e entomológicos.

Também o artesanato, desenvolvido com base no emprêgo de plantas e seus derivados, ou produtos animais, representa um extraordinário campo de ação para os membros das famílias rurais, suprindo-os de meios financeiros e, principalmente, de alinientos para o espírito que inspiram o amor pertinente à vida campesina e ao ambiente doméstico.

Desde o coqueiro na orla marinha, planta régia que oferece ao homem razões plausíveis para utilizar, das suas fôlhas às suas raízes, todos os componentes de sua organização vital, inclusive reclamando o emprêgo da copra como matéria prima da grande indústria do mais alto valor, passando à macaibeira e ao ouricuri-zeiro que repontam, respectivamente, nas regiões da Mata e do

Agreste, ao caroá e à macambira, dos confins do Sertão, com suas fôlhas, fibras e rizomas, prestando-se como matérias primas de artesanato, sucedem-se as ocorrências de matérias vegetais e animais que, aliados aos de natureza mineral, colocam-se ao alcance da habilidade dos rurícolas devidamente orientados para manipulá-los e convertê-los em reais utilidades com valor estimativo e monetário.

Na preparação da gente rural para o desempenho das atividades racionais e lucrativas, ter-se-á sempre como esteio de primeira ordem a ação dos clubes agrícolas nos moldes norte-americanos que, indubitavelmente, representam o melhor padrão que se possa conferir a uma entidade educativa, a qual a par de vincular forte e para sempre a criança ou o jovem à natureza viva, com todos os seus personagens vegetais e animais, treina-os para a execução de suas tarefas, através uma real aprendizagem, em obediência ao slogan "aprender fazendo".

Recursos minerais

69. Ocioso seria entrar na apreciação dos recursos minerais de Pernambuco, focalizando as ocorrências assinaladas até a presente data, quando sabemos ser ainda um setor quase virgem da nossa economia. Excetuando-se as jazidas de fosfato sedimentar da Fosforita Olinda S. A., calcário da Poty e Itapessoca, gipsita da Itaú, mármore de Jaime Nejaim, terras diatomáceas de Elpídio Lins, sal de Itamaracá e água mineral de Sabá, praticamente não se usufruem as vantagens proporcionadas pela riqueza mineral do Estado, ainda em grande parte a ser explorada.

Jazidas há que justificam os competentes estudos, tais como:

Amianto — Silicato de cálcio e magnésio.

Ocorrência em: São José do Egito, Buique e Santa Maria da Boa Vista.

Amazonita — Variedade de feldspato.

Ocorrência em: Sertânia, Arcoverde, S. Talhada e Caruaru.

Barita — Óxido de bário.

Ocorrência em: Floresta, Afogados da Ingazeira, Sertânia, Timbaúba e També.

Berilo — Pedra preciosa cristalizada no sistema hexagonal — água marinha e esmeralda.

Ocorrência em: Custódia, Afogados da Ingazeira, São José do Egito e Altinho.

- Calcário* — Carbonato de cálcio.
Ocorrência em: Pesqueira, Madre de Deus, Belo Jardim, Caruaru, Agrestina, Goiana, Igarassu, Paulista, Olinda, Rio Formoso e Surubim.
- Calcita* — Carbonato de cálcio natural, cristalizado no sistema romboédrico.
Ocorrência em: Sertânia, Custódia, Jatinã e Gravatá.
- Cassiterita* — Óxido de estanho natural, cristalizando no sistema quadrático.
Ocorrência em: Floresta, São José do Egito, Gravatá, Bonito e Limoeiro.
- Coridon* — Óxido de alumínio cristalizado, de que são espécies o topázio, a safira, o rubi, a esmeralda, a ametista, etc.
 Al_2O_3 — Mais duro metal depois do diamante.
Ocorrência em: Floresta e Santa Maria da Boa Vista.
- Diatomita* — Terra diatomácea: Colônia de algas microscópicas (Bacillarieae) cujos esqueletos silicificados formam o *kieselguhr*.
Ocorrência em: Recife e Goiana.
- Dolomita* — Carbonato natural de cálcio e magnésio.
Ocorrência em: Gravatá, Petrolina, Rio Formoso e Belém do São Francisco.
- Esteatita* — Pedra de tato untuoso — Silicato natural de magnésio.
Ocorrência em: Petrolina, Serra Talhada, Floresta, Escada.
- Feldspato* — Mineral duro e laminoso, composto de sílica, alumínio, cálcio e potássio e que entra na constituição do granito.
Ocorrência em: Arcoverde, Taquaratinga, Caruaru e Gravatá.
- Galena* — Sulfureto natural de chumbo.
Ocorrência em: São José do Egito e També.
- Grafita* — Carvão fóssil.
Ocorrência em: Serra Talhada, São José do Egito e Afogados da Ingazeira.
- Gipsita* — Sulfato de cálcio hidratado.
Ocorrência em: Araripina e Petrolina.
- Granada* — Mistura isomorfa de vários silicatos e óxido de ferro e alumínio.
Ocorrência em: Altinho, Parnamerim, Floresta e Exú.

- Hematita* — Fe_2O_3 — Peróxido de ferro - vermelho.
Ocorrência em: São José do Belmonte, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira, Buique e Madre de Deus.
- Linhito* — Carvão fóssil.
Ocorrência em: Petrolândia.
- Limonita* — Fe_2O_3 — Peróxido de ferro — Castanho ou marron.
Ocorrência em: São José do Belmonte, Serra Talhada, Afogados da Ingazeira, Buique e Madre de Deus.
- Magnetita* — Óxido natural de ferro magnético (Fe_3O_4).
Ocorrência em: Limoeiro, Gravata, Pesqueira, Inajá e Buique.
- Magnésita* — Carbonato de magnésio.
Ocorrência em: Petrolina e Gravata.
- Mármore* — Carbonato de cálcio.
Ocorrência em: Parnamerim, Petrolina, Salgueiro, Floresta, Triunfo, Flores, Petrolândia, Inajá, Buique, Caruaru, Timbaúba e Tambémé.
- Molibdenita* — MoS_2 — Bissulfito de molibdeno — Metal sólido, branco, maleável, quase infusível, do grupo crômico, formando liga com carbono — resistência semelhante ao aço —, ocorrendo em massas foliares ou escamosas, parecendo grafite.
Ocorrência em: Parnamerim e Pedra.
- Ouro* — Ocorrência em: São José do Egito.
- Quartzo* — Sílica pura — cristal de rocha, quando hialino.
Ocorrência em: Afogados da Ingazeira, Sertânia e Pedra.
- Rutilita* — Óxido natural de titânio; cristalizado no sistema quadrático.
Ocorrência em: Custódia, Afogados, Buique, Taquaratinga, Vertentes e Agrestina.
- Sapropelito* — Empregado como combustível sólido em substituição ao carvão.
Ocorrência em: Recife, Jaboatão, Cabo, Ipojuca e Serinhaem.
- Tantalita* — Minério de tântalo (Ta) Metal raro que se apresenta sob a forma de pó negro — $\text{Fe}(\text{TaO}_3)_2$, resistente a ácidos, número atômico 73 — peso 180.88.
Ocorrência em: Garanhuns, Lagoa dos Gatos e Catende.

Urge que o Governo Estadual, através à sua S.A.I.C., contando com a colaboração de técnicos estrangeiros bem integrados em nosso meio e, principalmente nacionais, entre os quais já prestaram sua valiosa cooperação na identificação do material acima discriminado, os Drs. Prof. L.F.R. Clerot, Luciano Jaques de Moraes, Paulo Duarte, Moacir Vasconcelos, Sandoval Carneiro, Adauto Teixeira e Sílvio Santos, inicie um trabalho sistemático e imediato do levantamento da carta mineralógica, com as respectivas prospeções e cubagens das jazidas, para fins de reconhecimento do valor econômico que as mesmas venham a possuir.

Além dos minerais acima mencionados, existe uma série de outros de menor importância e cujas jazidas têm uma expressão econômica ainda duvidosa. Entre as primeiras, figuram o Xisto, o Micaxisto, a Mica, a Turmalina, a Biotita, a Pirita, a Haloizita, a Argila Refratária, o Caolim, a Calcedônia, e entre os segundos, incluem-se o Petróleo, o Manganês e o Itabirito.

Conclusões

70. Ao concluirmos essas considerações agrônomicas sobre o potencial econômico do Estado, manda a consciência que exalte a capacidade produtiva de Pernambuco, prevenindo com otimismo o incremento à produção agrícola, pecuária e industrial, dentro de uma conceituação de valores condizentes com os interesses nacionais que devem ser tomados em primeiro plano, para efeito do ajustamento das campanhas governamentais e privadas, visando o objetivo em tela, evitando-se os conflitos de interesse entre unidades federativas, estabelecendo-se o maior equilíbrio na distribuição de mercadorias, em função dos rendimentos regionais agro-pecuário-industriais, caracterizados por melhor qualidade de produtos e menores custos de produção.

Não seria lícito recomendar o incremento à produção cafeeira em Pernambuco, apesar de existir nos micro-climas de Garanhuns, Bom Conselho, Vertentes e Taquaretinga, condições excepcionais para a produção do café de superior qualidade, considerado mesmo o melhor do mundo por provadores internacionais, estando o Brasil a defrontar-se com uma seríssima crise de superprodução, que se agrava pelo crescente volume de safras cafeeiras de outros centros das Américas do Sul e Central, bem como da África.

Sem desprezar o alto valor dessa cultura, que já tem uma tradição de irrecusável importância para a economia pernambucana, recomenda-se o aprimoramento cada vez maior dos processos de colheita e beneficiamento, mantendo-se o sistema de catação e elaborando-se o café fino, visando-se aumentar a receita desse setor agrícola em função da valorização da preciosa baga, antes que do aumento de seu volume.

Enquanto, porém, houver margem de lucro para o agricultor pernambucano, cujos interesses econômicos e sociais se vincularem estreitamente ao da indústria e do comércio, é de esperar-se um surto de desenvolvimento devidamente orientado segundo os princípios agrônômicos, em consonância com ditames da sociologia rural, fazendo-se das comunidades organizadas, os centros de polarização dos recursos educativos, técnicos e financeiros, para efeito de dinamização da riqueza estuante ou em potencial, exposta ou guardada pelos solos e subsolos, sobre os quais se assentam as bases de uma civilização tropical, caracterizada pela virilidade do grupo étnico latino, caldeado em crisol de ouro candente, disposta a exercer um papel relevante na valorização da região que habita, tão logo possa identificar-se melhor com a natureza, ouvir os seus apelos, sentir as suas vibrações e ganhar o *elan* de ser forte na luta, para vencer os seus obstáculos, antepostos mais como um desafio à sua perspicácia e à sua vontade indômita de crescer e multiplicar-se, antes que como um motivo de impedimento ao pleno e vigoroso exercício de suas atividades campesinas.

Mesmo para os solos esgotados pela mobilização centenária de suas reservas, quer através a ação extrativa do homem, quer através a ação destruidora das erosões, dispõem-se, na atualidade, dos recursos indispensáveis às suas recuperações, fornecidos pelos processos de defesa e fertilização.

Na desprezenciosa enumeração dos fatos econômicos acima comentados, com respectivas sugestões, desprovidas de preocupações acadêmicas, colocadas em termos acessíveis à compreensão geral dos pernambucanos das diferentes classes sociais, moveu-nos apenas o propósito de oferecer uma modesta contribuição que vale como brados de alerta e de incentivo a governantes e governados, emanados de um engenheiro agrônomo, professor da Universidade Rural de Pernambuco, que teve a ventura e a honra de ocupar postos governamentais, os quais o puseram em contato com a terra

e a gente de tôdas as plagas pernambucanas, e que no exercício da função do ensino universitário, ampliado pelas visões panorâmicas e detalhadas dos grandes centros de progresso e de prosperidade mundial, acrescidas das de regiões também subdesenvolvidas e empobrecidas de outros continentes, ficou convicto das dádivas esplendorosas concedidas pela Providência Divina ao Brasil, sem exclusão do seu Estado, o que exige do seu povo correspondência aos elevados desígnios compatíveis com os dotes que lhes foram oferecidos pela natureza.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
1963

e a gente de tôdas as plagas pernambucanas, e que no exercício da função do ensino universitário, ampliado pelas visões panorâmicas e detalhadas dos grandes centros de progresso e de prosperidade mundial, acrescidas das de regiões também subdesenvolvidas e empobrecidas de outros continentes, ficou convicto das dádivas esplendorosas concedidas pela Providência Divina ao Brasil, sem exclusão do seu Estado, o que exige do seu povo correspondência aos elevados desígnios compatíveis com os dotes que lhes foram oferecidos pela natureza.

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
1963